

Artigo

**ENTREVISTAS E SUAS RELAÇÕES DE PODER: UMA REFLEXÃO SOBRE A  
COLETA DE DADOS EM UMA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE**

**INTERVIEWS AND THEIR POWER RELATIONS: A REFLECTION ON  
DATA COLLECTION IN A HEALTH INSTITUTION**

Pollyana Almeida Santos<sup>1</sup>

Suzana Lopes Salgado Ribeiro<sup>2</sup>

Elisa Maria Andrade Brisola<sup>3</sup>

**RESUMO** - Este artigo pretende discutir as relações de poder entre o pesquisador e o pesquisado a partir de uma análise sobre a coleta de dados em História Oral em uma instituição de saúde. Tal abordagem se faz necessária para ampliação do conhecimento sobre o sujeito em pesquisas qualitativas, especialmente na área da saúde, trazendo uma discussão sobre as dificuldades na coleta de dados, assim como, suas consequências práticas durante a realização do estudo. Portanto, o objetivo é discutir as conexões estabelecidas entre pesquisador sobre os sujeitos pesquisados e as relações de poder que interferem ou ajudam no processo de trabalho. O texto faz esta análise que entrelaça

---

<sup>1</sup> Farmacêutica graduada pela Universidade de Brasília, pós-graduação em Farmácia Clínica pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Administração Hospitalar pela Universidade São Camilo, mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté. E-mail: pollyalmeida@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do curso de História do Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté-SP (UNITAU) e do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional do Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS-MG). Formada em história, mestre e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), Pesquisadora da Rede “Núcleo de Estudos em História Oral” (Rede NEHO) e do CESIMA (PUC-SP). E-mail: suzana.ribeiro@falaescrita.com.br

<sup>3</sup> Assistente Social, mestre e doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do curso de Serviço Social e do Mestrado em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté-SP (UNITAU) e do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional do Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS-MG). E-mail: elisabrisola@gmail.com



## Artigo

referencial teórico com falas e vivências do trabalho de campo, que abordam as relações de poder entre diferentes profissionais de saúde que trabalham em um hospital no interior do Vale do Paraíba. A investigação evidenciou que muitos fatores influenciam nas relações de poder entre o entrevistador e o entrevistado, tais como, profissão, hierarquia e tempo de trabalho. Em muitos casos, o pesquisador teve que modular o seu comportamento para conseguir a colaboração do narrador. Ademais, as negativas de caráter ambíguo demonstram as relações pessoais na modernidade e remetem as questões culturais brasileiras.

**Palavras-chave:** Entrevista; Relação de Poder; História Oral; Equipe Multiprofissional.

**ABSTRACT** - This article intends to discuss the relations of power between the researcher and the searched through an analysis about the collection of data in Oral History in a health institution. Such approach is necessary for the expansion of the knowledge about the individual in qualitative researches, especially in researches of healthcare, bringing a discussion about the difficulties of collecting data, as well as its practical consequences during the undertaking of the study. Therefore, the aim is to discuss the connections established between the researcher about the individuals searched and the relations of power that interfere or help in the work process. The text makes an analysis that interlaces theoretical framework with speeches and experiences of fieldwork, which approaches the relations of power between different health professionals that work in a hospital in the countryside of Vale do Paraíba. The investigation emphasized that many factors influence in relations of power between the researcher and the searched, such as profession, hierarchy and work time. In many cases, the researcher had to modulate their behavior to obtain the collaboration of the narrator. Furthermore, the negatives of ambiguous nature show the personal relationship in the modernity and refer to Brazilian culture issues.

**Keywords:** Interview; Power Relation; Oral History; Multidisciplinary Professionals.



## Artigo

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo central discutir como são evidenciadas as relações de poder entre entrevistador e entrevistado no processo de pesquisa. Trata-se de reflexão que resulta de trabalho desenvolvido com a metodologia da História Oral sobre relações de poder entre profissionais de saúde, no programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté - Unitau.

Ademais, para compor a discussão foram trazidos autores diversos, como: antropólogos, filósofos, entre outros. Afinal, propor um diálogo por meio de diversas áreas do conhecimento é parte das questões que se colocam para a produção de um conhecimento interdisciplinar. Este artigo resulta de estudo que vem sendo desenvolvido e, programa interdisciplinar de pós-graduação, que propõe entender o homem em suas relações nos mais diversos ambientes. Desta forma, este texto não pretende sobrepor uma teoria a outra, mas se apropriar de conceitos e propor um diálogo entre autores que apresentam por meio da leitura apresentada identifica pontos de intersecção, mesmo em épocas diferentes.

Por outro lado, embora a literatura aborde as relações de poder dentro de instituições de saúde, a tratativa do presente recorte da pesquisa apresentado neste artigo, foi refletir sobre desafios experienciados durante o trabalho de campo, que por vezes trouxe receio e estranheza aos entrevistados. Portanto, as dificuldades enfrentadas ao longo do estudo desenvolvido, trouxe um questionamento sobre a perspectiva de liberdade dos narradores, assim como, a influência do pesquisador durante o processo. Assim, na tentativa de produzir um conhecimento promovendo conversas entre os saberes de diferentes áreas, entende-se a importância de refletir sobre o próprio trabalho de produção e levantamento de dados, de discutir as relações de poder nas estruturas hospitalares e compreender como elas podem ser pouco nítidas e podem passar despercebidas para os diferentes sujeitos da pesquisa. Desta maneira, tenta-se aqui tecer reflexões que entrelacem o trabalho de campo com o próprio tema estudado, ligando reflexões teóricas e metodológicas ao fazer da pesquisa.

Neste sentido, cabe lembrar que como propõe Sennett (2016) a sociedade ocidental tenta disfarçar a realidade bruta da dominação, especialmente dentro das organizações. São construídos modelos e padrões de influência, nos quais a maioria das pessoas ficam sujeitas a pressões conflitantes. Nestes contextos, existe tentativa de mascarar as faces da dominação especialmente dentro dos discursos administrativos, já



ENTREVISTAS E SUAS RELAÇÕES DE PODER: UMA REFLEXÃO SOBRE A COLETA DE DADOS EM  
UMA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE

DOI: 10.29327/213319.20.2-4

Páginas 61 a 80

## Artigo

que a influência e a liderança são vistas como moralmente castas. Em outras palavras, o poder passa a ser uma interpretação pessoal, subjetiva, já que as relações de dominação são mascaradas pelos discursos de gestão e pela própria burocracia.

Por outro lado, quando um pesquisador tenta abordar este assunto, depende exclusivamente da vontade do outro em responder as questões que lhe são propostas. Esta é regra não apenas para trabalhos em História Oral (HO), mas, que pode ser extrapolada para outros que usam entrevista como meio para a produção de conhecimento (caso de pesquisas qualitativas que têm entrevistas como instrumento de coleta de dados). Assim, estabelece-se um desequilíbrio, uma desigualdade que marca uma relação de poder entre entrevistador e o entrevistado. Por um lado, o entrevistador/pesquisador quer ouvir informações e conhecimentos da experiência dos sujeitos de sua pesquisa, e por outro, por vezes, o entrevistado não quer ou não pode se expressar com liberdade.

Nesta direção, compartilhamos da perspectiva de Foucault (2018), que direciona que o poder não está concentrado no Estado, no exército e no sistema judiciário. Há um modelo implícito que se dá na forma de disseminação de micro-poderes, uma rede dispersa sem foco e sem centro. Há uma coordenação, uma vigilância permanente e exaustiva, muito sutil e, por vezes, invisível. Afinal, cada um de nós é titular de um certo tipo de poder e ao estabelecer relações com outras pessoas o exercemos ou nos submetemos, em maior ou menor grau. O autor também reflete que instituições são locais em que esses poderes se reforçam e estabelecem formas das pessoas se relacionarem.

### **História Oral e subjetividade na produção de conhecimento**

A pesquisa foi realizada por meio do registro de pessoas que trabalham em um ambiente hospitalar, e nossa preocupação foi evidenciar as relações estabelecidas por uma equipe multiprofissional, e como isso se reverte no exercício do trabalho em saúde. Assim, para estudar esta realidade, foi desenvolvida uma relação entre sujeito-sujeito em detrimento da relação sujeito-objeto, tradicionalmente presente em pesquisas de entrevista. Este posicionamento ampliou a possibilidade de diálogo, e assim compreendemos que o narrador não é uma “fonte” ou um “informante” que “depõe” sobre uma “realidade”.

Esse posicionamento se contrapõe ao que mais comumente acontece, ao estabelecer-se que existe um sujeito pesquisador e um objeto a ser pesquisado. Essa mudança de postura permite uma maior interação e liberdade comunicativa entre os



ENTREVISTAS E SUAS RELAÇÕES DE PODER: UMA REFLEXÃO SOBRE A COLETA DE DADOS EM  
UMA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE

DOI: 10.29327/213319.20.2-4

Páginas 61 a 80

## Artigo

envolvidos. O pesquisador pode, dessa forma, aprender mais com seus colaboradores, estabelecendo uma comunicação, na medida do possível, “não violenta”<sup>4</sup>, minimizando as relações de poder normalmente presentes nas situações de entrevistas ou conversas.

Nessa direção, esse procedimento ético-metodológico passa a exigir do pesquisador um outro posicionamento frente à criação e análise das entrevistas. A experiência deve ser valorizada por poder ver os processos de negociação que aconteceram para que se conte uma versão da experiência passada, e se (re)pense uma vida a partir das inquietações e tensões do presente.

As entrevistas devem ser compreendidas como possibilidade interpretativa de ter acesso à percepção de um outro sujeito, assim como, com o que se identificam e o que escolhem contar.

É interessante destacar que em a HO as experiências individuais, permitem a visualização das regras e normas coletivas em situações subjetivas e singulares (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004). Mesmo na abordagem inicial, já é possível verificar as normas coletivas estabelecidas na rede escolhida, o que mostra um argumento ao mesmo tempo subjetivo e coletivo (tema que será abordado no item sobre trabalho de campo).

Portanto, os historiadores enfatizam a importância de identificar as relações sociais que influenciam as formas de discurso, ou seja, os mecanismos econômicos e políticos que permeiam a realidade daqueles que falam (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004). Em última análise, os que não falam podem expressar justamente as relações de poder ocultas na sociedade e perpetuação do silêncio de classes menos favorecidas ou hierarquicamente submissos.

Não obstante, acredita-se que em HO indivíduos pertencentes a segmentos sociais geralmente excluídos da história oficial tem centralidade ao narrar uma história e podem garantir o direito de serem ouvidos. Entretanto, durante a coleta de dados orais não se busca a uniformidade absoluta e a padronização dos relatos. Os conteúdos são variados e obtidos do encontro de seres conscientes da objetividade do encontro e também de sua subjetividade (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004).

---

<sup>4</sup> Conceito desenvolvido por BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 695 e também por PORTELLI, A. Elogio de la grabadora: Gianni Bosio y los orígenes de la historia oral. *Revista historia* 30, México: abril 1993, Septiembre 1993, p.3-8.



## Artigo

A compreensão da subjetividade é esta se caracteriza como dimensão íntima do sujeito. Ela é, portanto, variável e instável. A percepção de que o conhecimento gerado (seja no âmbito da ciência, da tecnologia, da política ou do exercício profissional) a partir de um julgamento pessoal está apartado de objetividade, por vezes fez com que a subjetividade fosse vista como de forma pejorativa. Entretanto, no panorama da produção contemporânea passa a ser compreendida como dimensão intrínseca à vivência humana. Foucault foi intelectual que trabalhou com a problematização da objetivação nos processos científicos.

Dito isto, o registro de entrevistas por meio da História Oral (HO) pressupõe um contato humano e estabelece uma relação diferente entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa. Afinal, os documentos tradicionais são frios, preexistentes e traz uma relação muda e unidirecional. Já a HO depende da relação humana, fazendo que a entrevista seja cerimonial, um evento social, muito além de uma “conversa normal”. O registro de uma boa entrevista, depende de fatores como postura, entonação da voz e tratamento verbal. Existe um protagonismo do narrador, que deve ser compreendido como o centro da pesquisa. Portanto, o sujeito é dono de sua história, estabelecendo neste instante posições diferentes num processo de colaboração. O interlocutor é muito mais que um transmissor de informações, existe aqui um processo ativo e subjetivo.

Vale ressaltar que, isto não significa necessária comunhão de ideias ou de atitudes entre entrevistados e entrevistadores, mas uma postura colaborativa e respeitosa com quem narra sua experiência. Por isso mesmo, destaca-se o uso de colaborador como palavra para denominar os entrevistados, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento do estudo (MEIHY, 2005). Os colaboradores disponibilizam seu tempo e suas histórias, elementos fundamentais para a constituição de uma pesquisa.

Na prática isso pode ser traduzido, na medida em que em nossa pesquisa, fizemos um planejamento e um escopo para a pré-entrevista do profissional médico, considerando possíveis abordagens, porém, ficamos surpresos, quando o colaborador marcou prontamente um horário para conversarmos. Ao chegarmos em seu consultório, ele conduziu sua pequena entrevista e não houve espaço para o planejamento inicial. A questão central interrogada pelo médico foi qual a motivação para escolha do tema. Houve sinceridade na resposta e narramos nossa experiência, e após uma breve análise sobre os fatos relatados, ele aceitou conceder a entrevista gravada.

Assim, a própria dinâmica da entrevista permite que ambos os sujeitos se investiguem mutuamente, aproximem-se e exponham suas visões de mundo, em uma





## Artigo

dialética que estão presentes as categorias poder, igualdade e diversidade. Há o resultado da escuta atenta e da reflexão sobre as informações e isto contribui para novos questionamentos (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004).

### **Diálogos entre HO e Antropologia: novas relações entre sujeito e objeto**

Geertz (2008), em seu livro “A Intepretação das Culturas”, conta sua experiência nas aldeias balinesas e sua dificuldade de estabelecer interações com os aldeões. O pesquisador era percebido como um “ente” desencarnado. Era, portanto, um estranho vagando sem conseguir de fato estar próximo de seu “objeto” principal de pesquisa. O antropólogo letrado e influente na academia não era considerado uma pessoa real dentro daquele contexto, ou seja, não exercia sua influência e era visto com extrema desconfiança.

Assim, podemos entender que em muitos contextos o conhecimento é visto como um sinônimo de *status* e poder social. Isso nos vale como exemplo de que as relações que podem existir entre poder e saber irão depender da instituição de uma política do saber, e quando se quer descrevê-las, devem remeter àquelas formas de dominação a se referem noções como campo, posição, região e território. Assim, o indivíduo com suas características e sua identidade é formado a partir de uma relação de poder. Advindo de um embate de corpos, multiplicidades, desejos e forças, não podendo ser excluído a própria identidade (FOUCAULT, 2018) profissional, especificamente no caso deste estudo.

Veja que para obter a relação que tanto almejava, Geertz conta que o pesquisador renomado teve que sair de seu papel de professor e de estrangeiro. Em seu relato, isto aconteceu enquanto assistia uma briga de galos organizada pela aldeia para arrecadar dinheiro para uma nova escola na comunidade balinesa. De maneira geral, uma briga de galo é vista como primitivo, sendo ilegal naquele país, já que contraria a perspectiva de uma nação progressista. Contudo, nas aldeias mais afastadas estas rinhas ainda são organizadas e durante uma abordagem policial e aos gritos de estridentes de “polícia”, o antropólogo e sua esposa correram para fugir da “cadeia” junto com os demais. De repente, os balineses passam a aceitar o professor e a torná-lo real, pois este tornou-se parte do grupo ao agir como qualquer outro da comunidade (GEERTZ, 2008).



ENTREVISTAS E SUAS RELAÇÕES DE PODER: UMA REFLEXÃO SOBRE A COLETA DE DADOS EM  
UMA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE

DOI: 10.29327/213319.20.2-4

Páginas 61 a 80

## Artigo

[...] eles imitavam, muito satisfeitos, também repetidas vezes, nosso modo desajeitado de correr e o que alegavam ser nossas expressões faciais de pânico. Mas, acima de tudo, todos eles estavam muito satisfeitos e até mesmo surpresos porque nós simplesmente não “apresentamos nossos papéis” (eles sabiam sobre isso também), não afirmando nossa condição de Visitantes Distintos, e preferimos demonstrar nossa solidariedade para com os que eram agora nossos co-aldeões. (Na verdade, o que exibimos foi a nossa covardia, mas parece que também há certa camaradagem nisso) (GEERTZ, 2008, p.187).

Neste relato, a influência do Estado não é vista como legítima pela aldeia, já que contraria a própria identidade regional. O saber acadêmico tão pouco é valorizado e não existia colaboração com os “Visitantes Distintos”. Dito de outro modo, uma pesquisa é um jogo de relações, que permeiam a autorização formal, começando pela instituição acadêmica e, em alguns casos, do local/instituição onde se dará a pesquisa, e, por fim, dos sujeitos participantes da pesquisa que devem reconhecer o pesquisador como interlocutor válido.

Ribeiro (2007), relata que para ter acesso a seus colaboradores, em meio a Marcha Nacional, foi necessário solicitar autorização junto a coordenação do acampamento do Movimento Sem Terra. Pessoas que eram consideradas “de fora”, tais como jornalistas, tinham que ser acompanhadas em suas visitas. Embora, tenha conseguido um acesso privilegiado aos integrantes do movimento, havia o entendimento daquela linha que separava o entrevistador e o entrevistado, ou seja, o observador e observado.

Posto isso, há que se fazer referência a um outro ponto de convergência entre as teorias antropológicas modernas e a história oral, o enfrentamento da objetividade. Para ambas a objetividade é algo inalcançável, mas suas respostas a isso também são diferentes.

Geertz propõe que para se fazer uma etnografia do pensamento é preciso realizar um estudo sobre a intersubjetividade. Algo como uma subjetividade do campo baseada em uma objetividade acadêmica. O autor aponta os riscos do subjetivismo e como evitá-los ao defender que se deve, em primeiro lugar, treinar as análises para as realidades estudadas e suas necessidades específicas (GEERTZ, 1989).

O estudioso de uma sociedade atual, que faz trabalho de campo, é obrigado a deparar-se com uma frágil objetividade, passa a ter que olhar de frente a subjetividade, e um pequeno distanciamento temporal de seu objeto de pesquisa – o que para a ciência já





## Artigo

foi um grande problema. Ao acreditar na existência de reciprocidade entre objeto e sujeito, não se pode negar a trabalhar com o papel de sua subjetividade sobre o conhecimento que produz. “Em outras palavras, não se pode mencionar um objeto sem mencionar ao mesmo tempo quem o apreende e como ele o apreende” (BÉDARIDA, 1996, p. 219).

Por sua vez a história oral também acredita em uma intersubjetividade, mas que parece muito mais relacionada aos sujeitos envolvidos – pesquisador e “pesquisado” em contraponto com o par pesquisa de campo e academia – destacando a importância da experiência de vida do indivíduo. O “pesquisado” não é mais informante, ator ou objeto de pesquisa, ele é sujeito e pratica suas próprias escolhas.

Deve-se, portanto, ter um entendimento ampliado de processos e das interações sociais, em que, como já foi argumentado, o entrevistado não deve ser visto apenas como “objeto” (MEIHY; RIBEIRO, 2011). Afinal, este “objeto” é parte central do projeto, e sem sua colaboração voluntária, não há pesquisa.

Assim, podemos perceber que em diferentes pesquisas, muitas vezes a falta de proximidade remete a desconfiança e desconforto. Ademais, o próprio ato de gravar é um processo longo de negociação, afinal, muitos narradores não se sentem à vontade em compartilhar suas lembranças. Por isso mesmo, o pesquisador deve ter em mente a sua própria subjetividade quando explicar seu projeto de pesquisa, pois sua postura pode conduzir a reações inesperadas ou desconfortáveis que podem prejudicar a interação pessoal durante o projeto. As relações pessoais são complexas e permeadas por assimetrias de poder.

Assim, concordamos com Portelli (2016) que afirma que a entrevista é um experimento de igualdade, no qual indivíduos separados por classe, gênero, idade, etnia, educação ou poder, fazem um esforço para falar um com o outro “como se todas essas desigualdades estivessem suspensas e os seres humanos pudessem conversar uns com os outros em um mundo utópico de igualdade e diferença” (PORTELLI, 2016, p. 27).

### **Aprendizados do trabalho de campo**

Durante a coleta de dados da referida pesquisa, foi perguntado a um gestor convidado para pesquisa quem este indicaria para participar do estudo. Ele disse: “Se eu fosse você chamaria aquela pessoa que não compartilha das mesmas opiniões, pois,



ENTREVISTAS E SUAS RELAÇÕES DE PODER: UMA REFLEXÃO SOBRE A COLETA DE DADOS EM  
UMA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE

DOI: 10.29327/213319.20.2-4

Páginas 61 a 80

## Artigo

somente ela trará questões diferentes e pode contribuir para ampliar sua própria visão de mundo” (GESTOR, 2019).

Esta fala evidencia que a escolha dos colaboradores é um desafio. Desta forma, a indicação e as impressões durante o processo de escolha devem ser anotadas, afinal, seu conteúdo pode elucidar o comportamento do colaborador e também auxiliar no planejamento e execução da entrevista. Desde o início do trabalho, previa-se a participação ativa dos colaboradores e na indicação da rede de entrevistados. Isto pois as redes são estabelecidas por meio da indicação dos entrevistados que fornecem credenciais e contatos, e, no caso desta pesquisa, também dão autorização e validam a fala do outro.

É preciso assumir, portanto, que os colaboradores ao indicar um ou outro colega teceram “a estrutura para a pesquisa e interferiram nos contornos do estudo. Desta maneira, gostaríamos de destacar que o documento final é resultante do diálogo entre pesquisadoras e colaboradores (todos imersos em intenções)” (RIBEIRO e OLIVEIRA, 2018, p.414). Assim, a narrativa que resulta de diálogos e de escutas é também permeada por relações estabelecidas entre sujeitos. Há casos que durante as entrevistas podem existir posições distintas entre pesquisador e entrevistado, todavia, isto não significa que não possa haver comunicação entre as partes.

Vale ressaltar que, Sennett (2016), descreve as relações pessoais como um duelo, em que um indivíduo luta para conseguir o reconhecimento do outro. Afinal, precisamos de uma pessoa distinta de nós mesmos, que exiba sinais de apreciação e obediência. Existe uma codependência entre o dominador e o dominado. Em outros termos, o senhor depende do escravo para a produção de seu prazer. É nisto que se dá a ironia destas relações. A liberdade começa quando o escravo toma consciência deste seu poder, não que este o derrube e tome o seu lugar, mas a partir do momento em que o senhor é obrigado a modular seu comportamento.

De maneira análoga, muitas vezes o pesquisador deve modular seu comportamento para conseguir a colaboração do narrador. Atualmente, represento uma liderança formal na instituição na qual estou coletando os dados para pesquisa. Na pré-entrevista, ao explicar para um dos entrevistados, que o tema do trabalho dizia respeito às relações de poder entre os integrantes da equipe multidisciplinar, o colaborador imediatamente se tornou distante e desconfiado. Para ele, embora não houvesse a explanação deste pensamento, o pesquisador representava a face deste poder na forma de uma posição hierárquica dentro de uma cadeia de comando. Suas primeiras palavras foram em sua defesa:



## Artigo

Eu não tenho muito problema com ninguém aqui. Raras vezes tive problema no hospital. Estou aqui há 15 anos já! Então, vou te falar o que for verdade (ENFERMEIRO, 2019).

Existe uma diferença, uma assimetria de poder entre o entrevistador e o entrevistado, afinal, o entrevistado tem o poder do controle do saber que buscamos, e normalmente, o historiador pertence a uma classe que tem mais poder do que a classe da maioria das pessoas que são entrevistadas (PORTELLI, 2010).

Naquele momento, nosso narrador enfermeiro tinha maior poder que o pesquisador. Poderia falar ou calar, e poderia ainda mentir. Evidente que tentamos estabelecer a tal escuta ativa e “não violenta”, fundamental para o trabalho. Entretanto, não podemos cegar para as relações de poder que se apresentavam naquele momento. Muitas vezes, mesmo tentando, não foi possível fazer com que o “outro”, nos visse à sua maneira, diferente do que intencionamos, desestruturando a relação que se pretendia entre iguais.

Ao refletir sobre isso, para conseguirmos um bom resultado na pesquisa e ter acesso às experiências que precisávamos, tivemos que modificar o comportamento para que outros narradores pudessem narrar suas memórias. A informalidade e o cuidado com as perguntas foram uma forma de minimizar e conquistar o narrador.

Em outros casos, a mudança no ambiente melhorou o processo de comunicação, embora, a presença do gravador era em si era um fator a ser considerado. Percebemos que um narrador recém contratado ou com menor experiência profissional se sente desconfortável, na medida em que percebe que, o que é dito será convertido em um documento de trabalho. A fala cotidiana normalmente é modificada ou esquecida, sendo assim, a narrativa traz um estado consciente e reflexivo sobre o que se quer contar. Outra questão, é linguagem corporal e a própria identificação do locutor com o interlocutor, veja o relato da entrevista da Farmacêutica:

(...) Ela ficou curiosa sobre a pesquisa, mas, tivemos que agendar outro dia. Tentamos por várias vezes, mas sempre havia desencontros. Então, resolvi estender o convite a uma farmacêutica que foi contratada a pouco tempo, cerca de um ano. Ela aceitou prontamente, parecia animada. No dia que nos encontramos para entrevista, ela se demonstrou disponível e interessada, mas um pouco nervosa.



ENTREVISTAS E SUAS RELAÇÕES DE PODER: UMA REFLEXÃO SOBRE A COLETA DE DADOS EM  
UMA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE

DOI: 10.29327/213319.20.2-4

Páginas 61 a 80

## Artigo

Novamente, sair do ambiente de trabalho foi uma alternativa para facilitar o diálogo. Assim, procuramos um lugar mais confortável, que era a cafeteria. Pedimos um café e um suco. Suas mãos estavam trêmulas quando liguei o gravador. Mudar o foco da conversa foi outra alternativa, passamos a outros assuntos mais triviais como de viagens ou coisas que ela gostava de fazer antes de entramos no tema específico do trabalho. Entretanto, ela sempre notava o gravador, algumas vezes procurava pelas palavras certas. Indiretamente, ele estava interferindo na entrevista. Foi uma entrevista desafiadora, e mesmo nas primeiras perguntas, era quase inconsciente a vontade de participar e contra-argumentar o que foi dito. Será que as expressões faciais falaram mais do que deviam? Naquele momento, não sei se era tristeza (...), pois sentia as mesmas frustrações, e como profissional, não tinha autonomia para ajudar. Suas palavras levantaram questões não só para o pesquisador em mim, mas para o meu próprio “eu”. Era um espelho de minha trajetória, e percebi, que reanalisei minhas memórias e a minha forma de trabalho. Talvez, a pesquisa seja a esperança de uma mudança (Caderno de Campo, entrevista realizada com a Farmacêutica em 06 de julho de 2019).

Diante disso, a posição tomada dominação ou submissão de uma pessoa depende das circunstâncias de sua vida, não existindo uma forma de converter o poder em simples imagens de forças. Durante a entrevista, há pressões imperceptíveis tanto para o pesquisador e pesquisado, que transformam aquela narrativa em algo único, definido no tempo e no espaço. Afinal, as relações de poder podem ser alteradas ao longo da trajetória de ambos.

Desta forma, o poder não pode ser minorizada a partir de mentiras sobre o que de fato ele é. Afinal, a autoridade não é um estado do ser, mas um acontecimento no tempo (SENNETT, 2016). E este acontecimento, o momento da entrevista em HO, passa a ser um diálogo entre entrevistado e entrevistador dentro de um projeto compartilhado, os papéis se modificam e nem sempre é o pesquisador quem faz as perguntas.

É importante pontuar que se intenciona fugir do que a maior parte dos trabalhos que se baseiam na história oral tem feito, nas palavras de Ronald Grele: “oscilar entre os extremos de um populismo entusiasta, onde o historiador desaparece para dar voz ao ‘povo’ e uma concepção tradicional de historiografia ‘objetiva’ na qual o



## Artigo

historiador/autor assume uma posição privilegiada como intérprete das interpretações de seus entrevistados” (GRELE, 1991, p. 112).

Propomos que a pesquisa qualitativa valorize a dimensão da subjetividade e as identidades de um grupo como reflexo das experiências e sentimentos dos sujeitos envolvidos. Este aprendizado se deu por meio de uma conversa, em que se escutou muito e se perguntou pouco.

Talvez o reconhecimento desta assimetria ou até mesmo diferença de classes sirva para minimizar o conflito durante a entrevista, especialmente quando o tema for delicado ou de difícil abordagem. Outra anotação no caderno de campo que pode exemplificar esta situação, pois ao informar o tema da pesquisa a outro participante, sua expressão facial demonstrou certo desconforto:

Primeiro contato realizado por telefone. Percebi que sua rotina de trabalho é bastante intensa (...) O colaborador preferiu conversar em sua sala que fica no prédio externo e depois do expediente. Por não conhecer o entrevistado, tentei ser menos formal. Expliquei um pouco sobre a minha trajetória e função que exercia na instituição. Isto facilitou o início da conversa, pois aparentemente ele sabia que exercia um cargo de liderança. Tomamos um copo de água e ele relatou que foi contratado a pouco tempo. Retomei a explicação sobre o tema e para evitar uma atitude apreensiva, disse de maneira tranquila: “sei que parece estranho falar de poder sendo uma coordenadora”; e ele retrucou rindo: “parece uma pegadinha...”. Em seguida, ficou mais aberto e receptivo, disse que valoriza a pesquisa e gostaria de atuar na área acadêmica. (Caderno de Campo, entrevista realizada com Psicólogo em 25 de janeiro de 2019).

Reconhecer a desigualdade pode facilitar o diálogo. Afinal, a situação de entrevista a própria desigualdade é um argumento que está implícito, muitas vezes não dito, que demonstram posições de poder assimétricas relacionadas a classe, gênero, idade escolaridade. Na pesquisa existe a intenção de se comunicarem como iguais, mas ambos sabem que não o são (PORTELLI, 2010).

Como exemplificado no caderno de campo, a brincadeira “parece uma pegadinha” ameniza a situação constrangedora das diferenças de poder dentro da cadeia de comando da própria instituição. O narrador assume uma postura que entende o seu papel dentro da



## Artigo

empresa, contudo, tenta entender a verdadeira intenção do pesquisador, que demonstrou reconhecer a diferença. Isto proporcionou um clima mais amigável e franco, pois, regularmente há uma rejeição quando há diferenças de poder.

Nesta situação há também questões próprias da cultura brasileira. Em especial podemos lembrar dos estudos de Sérgio Buarque de Holanda, em que apresenta a tese de que o brasileiro seria um homem cordial (HOLANDA, 1995). Para ele a cordialidade estaria ligada a ideia de intimidade e na dificuldade de separar as esferas do público e do privado, de forma a misturar o pessoal com o profissional. Segundo Lilian M. Schwarcz o significado é um alerta a formalidades e convenções sociais:

Tratava-se, portanto, de destacar o inflacionamento da esfera íntima, do familiar, do privado em detrimento de modelos mais modernos de Estado e de cidadania. Na lhanza do trato, na hospitalidade, na generosidade estariam traços definidores do caráter brasileiro. Contudo, tal polidez era coercitiva e com sua aparência poderia iludir estruturas mais arraigadas de sociabilidade e de uma hierarquia que se impõe na esfera do privado. A polidez pede a presença do indivíduo nomeado, traz um viver nos outros e leva a uma contraposição ao ritualismo social. Por isso mesmo, Holanda elenca uma série de locais onde tal “caráter” se inscreveria: no emprego de diminutivos (que faz de tudo familiar); na omissão do nome de família no tratamento social (uma verdadeira disciplina de simpatia); no desconhecimento de qualquer convívio que não seja ditado por uma ética de fundo emotivo; no velho catolicismo que dá intimidade aos santos, como a velhos amigos; no horror às distâncias sociais; e na aversão ao ritualismo por oposição ao nosso culto sem obrigações. (SCHWARCZ, 2008, p.87)

O historiador encontrava nesta sistematização características da identidade de nossa sociedade. Apresentava também uma análise em que a compreensão das instituições pautava-se pelas preocupações de âmbito privado. Assim, podemos entender que para realizar um trabalho competente com entrevistas, é necessário ter compreensão acerca do contexto cultural e institucional em que se insere os sujeitos da pesquisa. Caso o pesquisador não tenha este domínio pode colocar em cheque o próprio trabalho de produção de documentos, narrativas - levantamento de “dados” para a pesquisa.





## Artigo

### Narrativas negadas: relações de poder e disciplina

Isto foi discutido por Sennett (2016), pois segundo o autor, os modos de controles exercidos pelas autoridades são velados e protegidos dentro das ideologias burocráticas. As pessoas se habituaram a obedecer, em outras palavras, este hábito é conhecido como disciplina. Afinal, a burocracia absorveu a autoridade pessoal. Existe um medo intrínseco e uma rejeição ao poder, até mesmo, o reconhecimento da existência desta relação. A cadeia de comando como arquitetura do poder tem tido uma relação incerta com o mercado. A ciência administrativa racionaliza as cadeias de comando, recorrendo a imagens do saber especializado, mas nenhuma pessoa em particular é responsável por elas. São ordens de origem invisível e se aplicam à organização como um todo. Este universalismo impede o questionamento e a interferência, eliminando o conflito. Desta forma, a linguagem do poder burocrático é frequentemente formulada na voz passiva, de modo, que toda a responsabilidade fica velada. Nada pode ser atribuído a pessoa específica (SENNETT, 2016).

Observe que o ato de negar ou recusar é velado inclusive por pessoas não ligadas a cadeia de comando, refletindo sobre a postura do narrador, quando este é convidado a participar do estudo. No caso da pesquisa em questão os possíveis entrevistados, quando consultados sobre a possibilidade de participar, não negavam diretamente. Veja que, ao sortear aleatoriamente um profissional para o estudo, a resposta veio da seguinte forma: - “Adoraria, mas a questão é o tempo. Infelizmente, estou cheia de atividades esta semana. Quem sabe na próxima” (Enfermeira não entrevistada). Este poder de negativa é muito mais difícil de contrapor com argumentos de convencimento, afinal, não fica explícito qual o motivo da desistência, ou se foi o tema da entrevista que desagradou.

Contudo, a linguagem corporal no decorrer deste processo de seleção pode ajudar a compreender o que a língua falada não diz. Ao encontrar novamente um possível colaborador “*sem tempo*”, ele desconcertado fala que precisamos “*marcar nosso encontro*”, contudo, ao relatar que outra pessoa aceitou este convite, o suspiro demonstrou o desejo real de não participar. Por outro lado, o porquê deste motivo pode abrir muitos questionamentos: existe de fato uma liberdade na escolha entre participar ou não da pesquisa? Existe medo da punição oriunda da fala reproduzida e da possibilidade mínima de identificação?

Noam Chomsky trabalha com a noção de liberdade e criatividade. Afinal, para o linguista e filósofo existe a possibilidade de criação livre dentro de um sistema de regras.



## Artigo

Portanto, o conhecimento é possível, pois na natureza humana existe uma necessidade de trabalho criativo e livre, sem efeito arbitrário de instituições coercitivas. Para ele é possível uma sociedade democrática e justa (CHOMSKY; FOUCAUT, 2017).

Nesta perspectiva, os colaboradores de nossa pesquisa tiveram a liberdade de escolha, embora estivessem submetidos a um sistema social de regras. Em contrapartida, Foucault diz que o sistema de poder define as formas das permissões e das proibições de nossa conduta. A democracia não pode existir em um sistema de hierarquias. Muitas das relações de poder que controlam o corpo social são ocultas, isto é, há um certo número de instituições específicas que não estão diretamente ligadas ao aparelho do Estado, todavia, são criadas para elaborar e transmitir um certo número de decisões e punir aqueles que não obedecem. Isto é, a família, a universidade e todos os sistemas que difundem o conhecimento são feitos para manter determinada classe social no poder e para excluir os instrumentos de poder de outra classe social, no caso aqui um hospital. Assim, é fundamental uma visão crítica sobre as instituições que dizem ser neutras e independentes, é preciso, no entanto, revelar o local da ação, os espaços e as formas como essa dominação é exercida (CHOMSKY; FOUCAUT, 2017).

Há muito que se analisar em uma negativa, pois, o calar pode dizer muito sobre um sistema opressivo. Destacamos que durante o percurso desta pesquisa, entramos em contato com um profissional de saúde por telefone para convidá-lo a participar do projeto. Este solicitou que o pedido fosse formalizado por e-mail, contemplando o tema da pesquisa e o tempo estimado. Em seguida, seu gestor entrou em contato para dizer que a pesquisa não poderia ser realizada devido ao comprometimento do tempo produtivo do funcionário.

Há neste processo a identificação da cadeia de comando, assim como o fluxo para tomada de decisões. O pedido formal, a análise pelo gestor do setor e a resposta. Há um sistema de submissão no qual o profissional está inserido. Sendo assim, pode-se questionar que a liberdade de participação da pesquisa é parcial dentro de um sistema de regras de uma instituição, pois um convidado pode aceitar ou recusar baseado em critérios específicos, tais como, medo de exposição ou punição, vergonha, insegurança pessoal, questões de natureza culturais ou psicológicas (introversão/extroversão), ou até mesmo, uma opressão política ou institucional.

Vale ressaltar, que dentro das instituições, os líderes seguem um conjunto de regras da administração científica com intuito de gerar uma imagem que não se baseia em ameaçar o empregado diretamente, mas cria uma política impessoal em que mais se



## Artigo

influência do que se dá ordens diretas. Em outras palavras, não há mais gritos violentos, há uma racionalidade do supervisor que gera uma nova ideologia do trabalho e é capaz de instituir a disciplina. Nessa direção há o controle exercido pela burocracia que é geral, formando um “círculo do qual nada escapa” (MARX, 1978). O controle, portanto, é uma forma de dominação que visa “garantir a reprodução das relações de produção capitalistas e processos sociais necessários para tal reprodução, como a cultura (instituições de ensino e cultura, como escolas, universidades, igrejas, etc.), o trabalho (empresas), etc. Desta forma:

É comum pensarmos nos bons administradores como homens de decisão; o administrador realmente eficaz, ao contrário, protege seus flancos. Há muitas maneiras polidas de dizer isso: ele mantém em aberto suas linhas de influência, é flexível, ou, na expressão incisiva de Argyris, consegue mudar de posição com um mínimo de ambiguidade e insegurança pessoal. (SENNETT, 2016, p. 158).

No caso da recusa citada, o líder do departamento não atribuímos a negativa ao tema da entrevista e muito menos deixa claro sua autoridade sob o profissional em questão, porém, alega de forma bastante racional que a negativa se relaciona a disponibilidade e comprometimento dos indicadores de produção. O empregado disciplinado segue suas ordens.

A disciplina é uma técnica de gestão dos homens e controle de suas multiplicidades. A ideia é utilizar o indivíduo ao máximo e majorar a produção de seu trabalho ou atividade. As pessoas passaram a ser observadas, incluído seus gestos e ações. É uma vigilância perpétua e constante, que classifica, julga e mede os próprios sujeitos, afinal, é muito mais rentável vigiar do que punir. De fato, não somente as intuições, mas em todas as esferas sociais, existe um controle sobre o comportamento dos indivíduos, que aceitam um conjunto de regras e normas delimitadas pelo corpo social. A vergonha é um mecanismo eficaz para minimizar os comportamentos desviantes, pois padronizamos nossas ações de acordo com o que se aprende como certo ou errado (FOUCAULT, 2018).



## Artigo

### APONTAMENTOS FINAIS

A partir do entrelaçamento do fazer das entrevistas, do trabalho de campo e da teoria, foi possível refletir sobre como a subjetividade passa a ser elemento central para a produção de conhecimento baseada em entrevistas, em pesquisas qualitativas. Mais que isso, pudemos retomar considerações sobre a relação sujeito e objeto e como ela se modifica frente ao trabalho de registro de entrevistas, no estabelecimento ou não de ligações sujeito-sujeito.

Tudo isso só foi possível graças a necessidade de realização do trabalho de campo e do contato direto com diferentes sujeitos. Pudemos, com isso, reconhecer a potencialidade da aplicação da história oral como método de pesquisa, principalmente no que se refere a ter acesso ao que há de íntimo e subjetivo nas relações estabelecidas entre sujeitos em instituições. Assim, aprendemos que como definido por Foucault e por Geertz, *estar lá* - conceito trabalhado por Geertz ao defender a importância do trabalho de campo e por Foucault, ao se posicionar frente a participação de intelectuais na vida política - fez toda a diferença para o *estar aqui*, na academia. Esse fazer, na história e na antropologia, é muito próximo, pois ambas trabalham com os mesmos elementos para dar conta de “representar” o que foi estudado.

Em resumo, sobre as entrevistas realizadas, ao analisarmos o comportamento dos colaboradores durante sua execução, ficou claro que aqueles que se sentiam mais à vontade com o gravador eram de posições sociais mais privilegiadas. Não houve diferenças significativas relacionadas a gênero, todavia, foi evidenciado que o tempo de trabalho na instituição permitiu um diálogo mais espontâneo.

Neste sentido, cabe uma consideração, mesmo uma das pesquisadoras ocupar função profissional no ambiente do hospital todos os dias, o olhar acadêmico e a oportunidade de se reinserir neste local com um outro propósito, modificou a forma com que se passou a compreender a instituição. Assim, o estar lá, modificou o estar aqui, mas complexificou o estar lá, de maneira a desvendar um universo de nexos, antes pouco percebidos.



**Artigo**

**REFERÊNCIAS**

**BÉDARIDA, F. Tempo presente e a presença da história. In: FERREIRA, Marieta. M. e AMADO, Janaina (org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.**

**CARVALHO, Maria Lucia Mendes de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. História Oral na Educação: memórias e identidades. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013.**

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHENINSKY, Aloísio. Indivíduo e Ambiente: a metodologia de pesquisa da História Oral. **Biblos**, Rio Grande, v. 16, p.7-24, 2004.

CHOMSKY, Noam; FOUCAULT, Michel. **Natureza Humana: Justiça vs. Poder, o debate entre Noam Chomsky e Michel Foucault**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. 86 p. Editado por Fons Elders. Tradução Fernando Santos.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

GRELE, Ronald. La historia y sus lenguajes en la entrevista de Historia Oral, quién contesta a las preguntas de quién y por que?", **Historia y Fuente Oral**, n. 5, 1991, p. 111-29.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Lisboa: Presença, 1978.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.



ENTREVISTAS E SUAS RELAÇÕES DE PODER: UMA REFLEXÃO SOBRE A COLETA DE DADOS EM  
UMA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE

DOI: 10.29327/213319.20.2-4

Páginas 61 a 80

**Artigo**

PORTELLI, Alessandro. História Oral como arte da escuta. São Paulo: Letra e Voz, 2016. (Coleção Ideias).

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p.2-13, 2010.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Processos de mudança do MST: histórias de uma família cooperada**. 230f. (Dissertação de Mestrado em História Social). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2002.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Tramas e Traumas: identidades em marcha**. 2007. 392 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado; DE OLIVEIRA, Patrícia Romana. Narrativas em rede: argumentos coletivos e histórias de vida na educação. **RIDPHE\_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, v. 4, p. 412-430, 2018.

Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/issue/view/394/showToc>

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sérgio Buarque de Holanda e essa tal de “cordialidade”. **Revista Psicanálise e Cultura**. São Paulo, 2008, 31(46), p. 83-89.

SENNETT, Richard. **Autoridade**. 4°. ed. São Paulo: Record, 2016.

VIANA, N. Burocracia: Forma Organizacional e Classe Social. Marxismo e Autogestão. Ano 02, num. 03, jan./jun. 2015. Disponível em:

<http://redelp.net/revistas/index.php/rma/article/view/9jviana3/297>. Acesso: 20 jul. 2019.

